



INVENTÁRIO DO ACERVO DE PROJETOS DO ARQUITETO ARMANDO DE HOLANDA: CONSTRUINDO COM POUCO NO NORDESTE BRASILEIRO

RAMOS, Juliana Silva
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
sramos.juliana@gmail.com

NASLAVSKY, Guilah
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
guilah14@gmail.com

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA)

CATEGORIA DO TRABALHO: Iniciação Científica em Arquitetura e Urbanismo

1. RESUMO

De atividade que remonta entre 1960 e 1980, Armando de Holanda Cavalcanti foi um arquiteto cuja intensa atividade é uma das que melhor ilustra o contexto de euforia construtiva instituído pelo “milagre brasileiro” em Pernambuco. Autor de um acervo com mais de 1800 pranchas e memoriais distribuídos entre mais de 80 projetos de variados setores, Holanda se consagrou como ilustre praticante da arquitetura moderna, lançando mão da novidade da pré-fabricação (leve) – a “*arquitetura de sistemas*” – sem desfazer-se dos tradicionais recursos de amenização climática de sua terra. Mas apesar de evidente contribuição, sua atuação ainda carece de revisões historiográficas – que resgatem e situem sua obra num contexto internacional lato e o atestem enquanto arquiteto plenamente consciente dos processos de industrialização construtiva (pré-fabricação leve). Visando contribuir para o suprimento de tal lacuna, o Laboratório da Imagem (LIAU/DAU/UFPE) realizou, através do projeto “Inventário do Acervo de Projetos do Arquiteto Armando de Holanda”, um amplo processo de conservação do acervo (salvaguarda da memória arquitetônica documental e iconográfica) e pesquisa e resgate da obra e do sujeito (situação de sua trajetória no contexto histórico-socioeconômico latinoamericano e da sua obra no contexto





ideológico-intelectual das temáticas do *tropicality*, estruturalismo e pós-estruturalismo na cultura e arquitetura internacionais). Estabelece-se aqui, uma vontade imensa de promover o reconhecimento das arquiteturas marginais (nordestinas) dentro de um contexto nacional – e por que não internacional (latino-americano)?

2. PALAVRAS-CHAVE

Aldo van Eyck; arquitetura de sistemas; arquitetura moderna; arquitetura tropical; estruturalismo.

3. INTRODUÇÃO

Com breve (entre os anos 60 e 80), porém de excepcional qualidade criativa e evidente caráter inovador, atividade profissional – iniciada com seus estudos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da atual UFPE (1959) – o pernambucano Armando de Holanda Cavalcanti (Canhotinho, 1940; Recife, 1979) foi um dos mais ilustres praticantes da arquitetura moderna no estado, lançando mão da novidade da pré-fabricação (leve) de seus componentes – “*arquitetura de sistemas*” – sem jamais se desfazer da tradição dos recursos de amenização climática de sua terra.

Após o término de sua atividade, seu acervo – que permite analisar em completude sua trajetória e ainda, revisitar o período de euforia construtiva no estado, do “milagre brasileiro” (NASLAVSKY; FREIRE; MORAIS, 2013) – com mais de 1800 pranchas e memoriais entre mais de 80 projetos nos setores industrial (em que foi mais pródigo), residencial, comercial, público (destaque para o Parque Histórico Nacional dos Guararapes), de monumentos (incluindo os marcos rodoviários da BR-434, Garanhuns, e BR-122, Petrolina) e religioso –, ficou sob o domínio do DAU/UFPE, sem que se resguardasse e valorizasse seu trabalho.

Mas apesar de evidente contribuição, a atuação de Holanda carece de revisões historiográficas que o apresentem como arquiteto plenamente consciente dos processos de industrialização da construção – com exceção de SILVA (1997), LIMA (1997) e de alguns poucos trabalhos que os sucederam – um *know-how* muito creditado a arquitetos do sudeste, mas pouco aos do nordeste brasileiro.

Visando salvaguardar e conferir o justo valor do conjunto documental e subsidiar novas pesquisas, o LIAU/DAU/UFPE – sob o fomento do FUNCULTURA e a





coordenação de Guilah Naslavsky e Adriana Freire – desenvolveu o projeto de pesquisa “*Inventário do Acervo de Projetos do Arquiteto Armando de Holanda*” (2013-2015), realizando um resgate da sua obra, através de um amplo processo de pesquisa e conservação de seu acervo.

O objetivo primeiro é o de reavivar a memória arquitetônica de Holanda: salvaguardar seu relato gráfico-projetual para análises embasadas em revisões bibliográficas e investigações. Buscou-se explicitar os condicionantes, influências e episódios, – a atuação local, o mestrado em Brasília e a experiência no *Bouwcentrum* (Centro da Construção, em tradução livre) de Rotterdam – que envolveram sua trajetória e as temáticas – *tropicality* (tropicalidade, em tradução livre), estruturalismo e pós-estruturalismo – da cultura e arquitetura internacionais articuladas em sua obra, visando apresentar uma nova abordagem sobre suas realizações.

Desse objetivo, surgem outros de projeções mais extensas que visam estabelecer discussões e historiografias atentas à produção no nordeste brasileiro e América Latina – com a qual seria impossível não constatar paralelos, seja pelo histórico exploração compartilhado, seja pela diversidade criativa e resistência cultural característico de ambas regiões –, a superação de juízos de valor e o reconhecimento das arquiteturas marginais dentro de um contexto nacional e internacional – dar início, enfim, à narrativa das histórias negligenciadas.

4. METODOLOGIA

A metodologia englobou três etapas:

- I. Revisão bibliográfica e pesquisa documental: estabelecimento de contexto histórico-profissional através de bibliografia especializada e da produção teórica do sujeito estudado; pesquisas de campo e online para levantamento de outros documentos (periódicos, documentos institucionais e textos acadêmicos; discussões entre orientadora-orientanda e frequência em aulas com temáticas da pesquisa);
- II. Conservação técnica do acervo: manuseio e levantamento (de quantitativos de pranchas e projetos e materiais empregados), higienização (passagem de trincha e água deionizada), restauro (raspagem de resíduos com bisturi, aplicação de álcool ou acetona e a realização de pequenos reparos com a fita *Filmoplast*, específica pa-



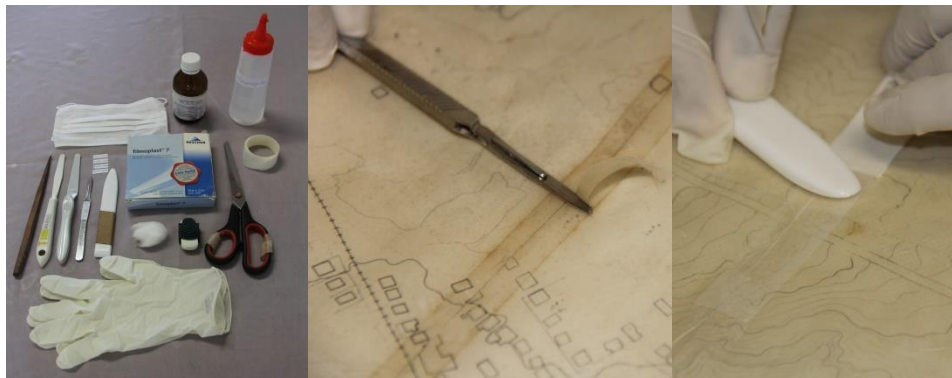


ra o fim), identificação (através de tabelas, códigos e etiquetas), digitalização (com a *Colortrac SmartLF SC42*, scanner profissional para grandes formatos) e condicionamento (em mapoteca e tubos de PVC);

III. Análise e discussão teórica: análises projetuais e de soluções arquitetônicas adotadas, reconhecimento de caracteres específicos da obra do sujeito, identificação de contexto de inserção e elaboração de teorias relacionais (entre sua prática e a de demais grupos de arquitetos) para a produção de insumos de pesquisa.

Figura 1. Conservação técnica do acervo: materiais utilizados no processo de restauro, raspagem com bisturi e reparo com a fita de restauro.

Fonte: LIAU/DAU/UFPE, 2013.



5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos anos 60, com a construção de Brasília, a atração central então exercida pelo Rio de Janeiro é substituída pela nova vanguarda nacional (MARQUES, 2003) representada pela recém-estabelecida capital. Nesse contexto (1963), o trio de jovens arquitetos composto por Armando de Holanda, Glauco Campello e Geraldo Santana é convidado a participar do recém-implantado programa de mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB). Apesar do fim desastroso, com os desdobramentos da intervenção militar (1964), os bastidores dessa experiência serviram como campo experimental de um novo panorama técnico e plástico-conceitual responsável por introduzir na mentalidade desses arquitetos a perspectiva de conversão do caráter empírico da construção civil nacional em uma prática construtiva inteiramente racional – industrial.





Após retornar a Pernambuco e dedicar-se primariamente à prática arquitetônica – inclusive, à equipe vencedora do concurso da sede da SUDENE em Recife (1967) – e a atividades no setor público, Holanda torna-se bolsista do “*Netherlands Fellowship Programme*” (NFP) no “*Internacional Course on Building*” (ICB) do Bouwcentrum de Rotterdam, onde se diplomará em “Especialização em Protótipos” com o trabalho “Criação de Protótipos para a Produção em Série de Habitações” (1967).

Figura 2. Armando de Holanda Cavalcanti, Geraldo Santana e Glauco Campello.
Fonte: LIAU/DAU/UFPE, 2013.



Fontes primárias da CEPAL-ONU (Comissão Econômica Para a América Latina e Caribe) e do IHS-Erasmus/Rotterdam (*Institute of Housing Studies*) – que hoje hospeda o ICB – constatam que entre 1960-1970, o Bouwcentrum esteve presente na América Latina a partir de colaboração em iniciativas de habitação social – seu principal objeto de trabalho, que remonta a suas origens (1946) na reconstrução de Rotterdam (*Wederopbouw*) no segundo pós-guerra – e a instalação de sedes fixas (“Centros de Informação”), subsidiárias de ferramentas (como o “Plano de Implantação da Coordenação Modular”, do Centro Brasileiro da Construção-Bouwcentrum) para os intentos de industrialização construtiva desses lugares – que no nordeste promoveu a abertura de um novo mercado aos arquitetos, inicialmente visando diminuir o *deficit* habitacional (demandado pelo BNH) e mais tarde, no campo industrial (com a SUDENE e novas instituições), emergente das políticas desenvolvimentistas.

Apesar de estabelecer a habitação social como objeto de experimentações, os conhecimentos obtidos no Bouwcentrum assumirão maior abrangência na atuação de Holanda: o *know-how* e ideal de construção industrializada – norteadores imperiosos de seu fazer projetual – com o qual tem maiores contatos, a princípio, em Bra-





sília, ganha ali maturidade de consciência e ação teórico-projetual e conceituação sociocultural.

A essa forma específica de pensar e construir Holanda evocará conceitualmente um ideal de arquitetura elementar, racional, industrial e holisticamente estruturada enquanto sistema sintático – que tal como o linguístico, com uma limitada gramática de códigos (elementos pre-fabricados), seria capaz de transpor uma monotonia engendradora pela repetição e estabelecer um conjunto expressivo de clareza entre a unidade e suas partes constituintes – rico em significados construtivos, formais e socioculturais, que definiu no artigo “Sobre uma arquitetura de sistemas” (ARQUITETURA-IAB, dez.1966).

Figura 3. Estudos geométricos e espaciais. Armando de Holanda.
Fonte: LIAU/DAU/UFPE, 2013.

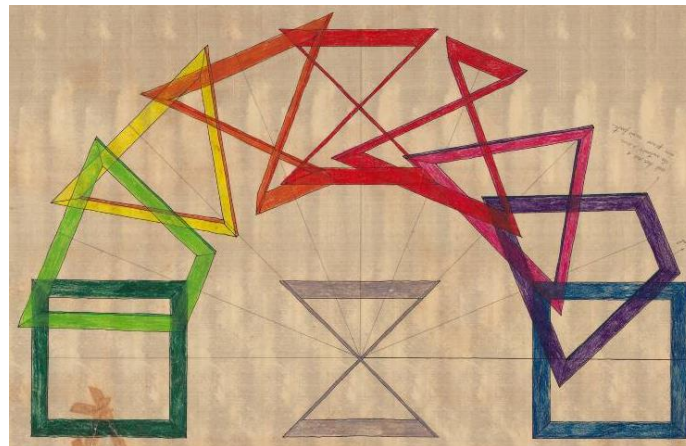
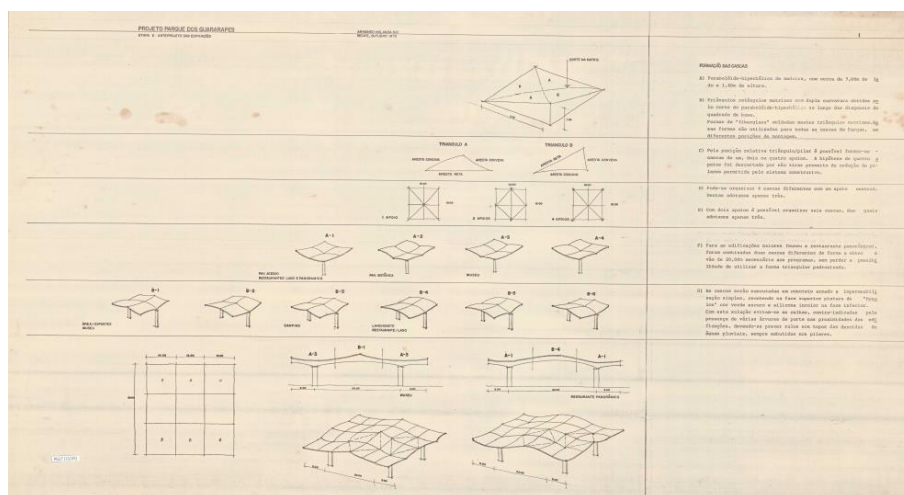


Figura 4. Concepção das cascas do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.
Armando de Holanda.
Fonte: LIAU/DAU/UFPE, 2013.

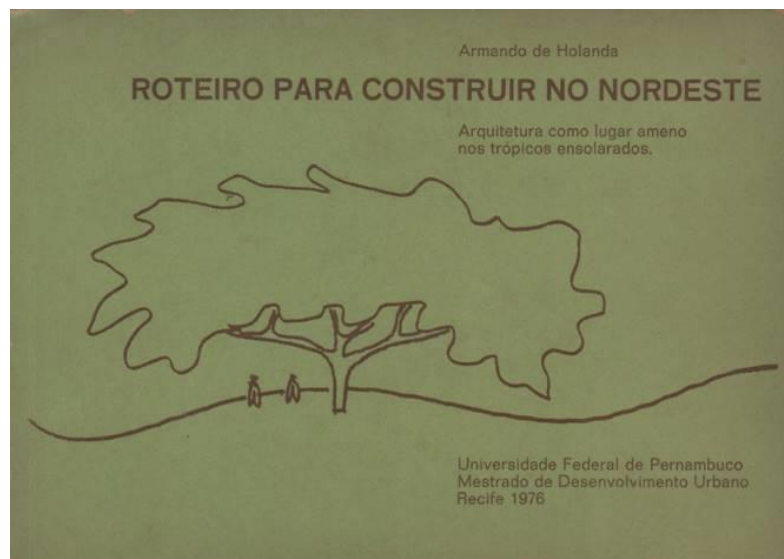




Tal ótica da arquitetura enquanto modalidade de linguagem humana compreende influências do Estruturalismo Social de Lévi Strauss e similaridades com Estruturalismo Holandês de Aldo van Eyck – em sua concepção espacial-constructiva (resolução matricial derivada de unidades elementares) e conceitual (não desvinculada de uma tradição identitária constructiva) – do Team X.

O ideal industrial imbuí Holanda do princípio da racionalidade tão caro à arquitetura: preocupação irrefutável da construção no nordeste, cujo histórico castigante de secas, embates por poder, exploração e negligência das autoridades resulta numa endêmica e aparentemente perene escassez de recursos – uma condição de “subdesenvolvimento tropical” igualmente partilhada por outras tantas localidades –, presente, por extensão, enquanto condicionante de seu *modus operandi* constructivo. Será sobre otimizar os recursos ao máximo, “construir com pouco” (oitavo ponto) que Holanda debruçar-se-á em seu célebre livro “Roteiro para Construir no Nordeste: arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados” (1976).

Figura 5. Primeira edição (1976) do Roteiro para Construir no Nordeste, Mestrado de Desenvolvimento Urbano (MDU/UFPE). Armando Holanda.
Fonte: LIAU/DAU/UFPE, 2013.



Pondo em teoria o que havia apreendido enquanto arquiteto e docente de Projeto na FAU do Recife (1970-1979), Holanda congrega, ao longo de nove pontos poeticamente redigidos e ilustrados com croquis esquemáticos e sem grandes pretensões, como enxergou a atividade constructiva no nordeste. Para Glauco Campello





(2015), a cartilha foi fruto de preceitos compartilhados por todos os integrantes da FAU na época – tendo Holanda o mérito de tê-las textualmente sintetizado –, ao passo que para Marques (2003), o Roteiro mais delimita o fim de um momento – de preocupações climáticas no ofício construtivo nordestino, presentes desde a lusa ocupação de seus territórios – do que estabelece futuras recomendações – já que com o advento de novas tecnologias tais soluções passam a desaparecer do repertório arquitetônico local.

Dentre os nove pontos, os cinco últimos parecem denotar uma maior tendência especulativa do autor: enquanto em “*Criar uma sombra*”, “*Recuar paredes*”, “*Vazar muros*” e “*Proteger as janelas*”, apresenta-se um foco maior (e trato mais sugestivo) à questões de ordem mais prática da atividade construtiva, nota-se que em “*Abrir as portas*”, “*Continuar os espaços*”, “*Construir com pouco*”, “*Conviver com a natureza*” e “*Construir frondoso*” Holanda se expressa dentro de uma dimensão mais reflexiva – e até mais teorizante, mesmo que as recomendações práticas ainda se apresentem.

A imperatividade e ingerência primeira do meio nordestino posiciona-se como a grande condutora da elaboração teórica e prática de Holanda e resulta, sim, numa arquitetura de racionalização dos meios – estética do necessário (e possível) – porém, jamais discordante do caráter local. Buscar a tradição em uma produção significa crer na validade da sabedoria (empírica ou não) antepassada embutida em suas soluções – tal como as de amenização climática nordestinas – na diluição de problemas de ordem técnica, estética, espacial ou social e nela amparar-se na otimização de processos e recursos e portanto, na racionalidade (lógica) de um legado cultural, autóctone e coletivamente construído, identitário.

Holanda conclui poeticamente em tom de manifesto, reiterando a sabedoria construtiva local em detrimento da adoção integral – sem a devida filtragem ao contexto socioambiental – de soluções impostas por óticas estrangeiras e seus diagnósticos superficiais, proclamando uma arquitetura de racionalidade de identidade genuinamente de regional – atitude a qual, sempre fora responsável por conferir à arquitetura moderna brasileira um repertório original e um valor de expressão próprio que lhe identifica e a celebra aonde quer que ela seja visada.





6. CONCLUSÕES

Uma análise retrospectiva dentro da temática do *tropicality*, permitiu constatar similaridade de abordagens e então a inserção de Holanda dentro de um contexto de demais que o antecederam enquanto compiladores de princípios da “arquitetura tropical”. Suas iniciativas, portanto, não possuíram caráter isolado, nem tampouco foi ele, o primeiro a sintetizar textualmente conhecimentos acerca da temática. Antes dele, tanto em solo pernambucano, quanto estrangeiro, já podiam ser constatados nomes frente a experiências teóricas e práticas no cerne da tropicalidade arquitetônica: os pernambucanos Aluísio Bezerra Coutinho, José Mariano Carneiro da Cunha Filho e Gilberto Freyre, os ingleses Maxwell Fry e Jane Drew, os húngaros Victor e Aladar Olgyay, o alemão Otto Königsberger, o francês Jean Prouvé, entre outros.

Ainda, reivindicar que uma arquitetura se adapte climaticamente a seu sítio de implantação não é argumento consistente o suficiente para situá-la dentro de um contexto classificatório específico ou ainda, para atribuir-lhe um rótulo – por um suposto atributo – particular, uma vez que é de se esperar que “a boa modernidade” (MARQUES; NASLAVSKY, 2011), em sua essência, cumpra com aquilo que é colocado como pressuposto basilar arquitetônico: oferecer abrigo e proteção. A arquitetura tropical, por ser compatível com o território que ocupa no que concerne às condições climáticas apresentadas não fugiria, portanto, dos objetivos fundamentais de quaisquer outras arquiteturas.

De fato, cada lugar apresentará arquiteturas *sui generis* – determinadas por pré-existências socioeconômicas e ambientais. Delimitar regionalismos pode indicar o anseio de um grupo em valorizar sua respectiva produção; contudo, quando se tratam de conceituações externas, podem assinalar uma modalidade de isolamento praticado por um grupo que se autoestabelece como paradigma frente a um “outro” que ele não reconhece como semelhante – uma forma latente de se afirmar que subtrai, através de eufemismos, valor daquilo o que é distinto de mim.

Decerto, estudos capazes de conferir o real valor de nossas arquiteturas ainda estão por vir, contudo, cada vez mais deve-se atentar para a delimitação de rotulações e para a poesia embutida em arquiteturas negligenciadas, cuja excepcionalidade das produções passa despercebida diante de olhares desavisados. Talvez





tenha sido o que o arquiteto trabalhado tenha tentado fazer: reiterar o valor de nossa produção, que nunca poderá nos ser subtraída. Só assim sairemos da eterna condição regional marginal para sobressair aos olhares de quem de fato se interessa pela arquitetura – a boa arquitetura, apenas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, C.L. (org.). Financiamiento de la vivienda en el istmo centroamericano. Acessado em 10 ago. 2015. Disponível em: <<http://repositorio.cepal.org/>>.
- AMORIM, L. Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos (1). Vitruvius, São Paulo, 2001. Acessado em 01 set. 2010. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/889>>.
- BALDAUF, A.S.F. Contribuição à Implementação da Coordenação Modular da Construção no Brasil. 2004. 148 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- BALTAR, A.B.B. Depoimento à Guilah Naslavsky em 13/09/1997.
- BARONE, A.C.C. Team 10: arquitetura como crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- BAWEJA, V. A Pre-history of Green Architecture: Otto Koenigsberger and Tropical Architecture, from Princely Mysore to Post-colonial London. 2008. Tese (Doutorado) - Doctoral Program In Architecture, University of Michigan, Ann Arbor, 2008.
- BRUAND, Y. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CANIZARO, V.B. Architectural Regionalism: Collected Writings on Place, Identity, Modernity, and Tradition. New York: Princeton Architectural Press, 2007.
- CENTRO INTERNACIONAL CELSO FURTADO DE POLÍTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO. O BNDE nos anos do “milagre” brasileiro. In: Os anos do milagre. Memórias do Desenvolvimento, nº 4, Ano IV. Rio de Janeiro: CICEF, 2010.
- EMERENCIANO, J. Guararapes e a Unidade Brasileira. Caderno Moinho Recife. nº 9. nov.71. p.18-25.
- FRAMPTON, K. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2003.





GRUPO DE TRABALHO PARA O DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste. 2. ed. Recife: Sudene, 1967.

HOLANDA, A. de. Roteiro para Construir no Nordeste: arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. Recife, 1976. MDU. Universidade Federal de Pernambuco.

_____. Sobre uma arquitetura de sistemas. Arquitetura. Revista do Instituto de Arquitetos do Brasil. Rio de Janeiro: IAB-GB, nº 54. Dez. 1966. p. 28-29.

_____. Edifícios Fabricados. Diário de Pernambuco, Recife, terceiro caderno, p.1-2, 6 mar. 1966.

_____. Industrialização da Construção.

INSTITUTO DOS ARQUITETOS DO BRASIL – DEPARTAMENTO DE PERNAMBUCO. Catálogo da premiação anual do IAB – PE – 1969. Recife: IAB, 1969.

KOURY, A.P. Arquitetura construtiva: proposições para a produção da arquitetura no Brasil (1960-1970). 2005. 270p. Tese (Doutorado) - FAU, USP, São Paulo, 2005.

LIMA, D.A. e. Armando Holanda: por uma arquitetura nos trópicos. 1997. Monografia (Trabalho de Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFPE, Recife, 1997. mimeo.

KLEINOWSKI, A.M. Produção de betacianina, crescimento e potencial bioativo de plantas do gênero *Alternanthera*. 2011. 71f. Dissertação (Mestrado em Fisiologia Vegetal) - Curso de Pós-graduação em Fisiologia Vegetal, Universidade Federal de Pelotas.

MARQUES, S. (2003), ex-aluna da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco em 1969. Depoimento à Guilah Naslavsky em 04/07/03.

MARQUES, S.; NASLAVSKY, G. Eu vi o modernismo nascer... e ele começou no Recife. In: Fernando Diniz Moreira. (Org.). Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade. Recife: FASA, 2007, p. 81-105.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA; UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Parque Histórico Nacional dos Guararapes: Projeto Físico. Recife, 1975.

NASLAVSKY, G. Modernidade Arquitetônica no Recife: arte técnica e arquitetura, 1920-1950. Dissertação (Mestrado). FAU-USP, São Paulo, 1998. 301p.





_____. Arquitetura moderna em Pernambuco, 1951-1972: as contribuições de Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim. (2004), 270p. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo (2004).

_____. Arquitetura Moderna no Recife, 1949-1972. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012.

NASLAVSKY, G.; FREIRE, A.; MORAIS, M.O. B. Ir, vir e voltar. Novas Conexões, Outros brutalismos. Anais do X Seminário DOCOMOMO Brasil, 2013: Conexões brutalistas 1955-1975. PROPARG/UFRGS, 2013. v. 1. p. 1-18.

SANTANA, G. Depoimento a Guilah Naslavsky em 28/10/02.

SILVA, G.G. da. Armando Holanda: Arquiteto dos Alegres Trópicos. Arquitetura e Urbanismo. nº 69.dez.96 /jan. 97. pp.65-71.

SMITHSON, A.M. Team 10 primer. Cambridge: MIT Press, 1965.

STRAUVEN, F. Aldo van Eyck – Shaping the New Reality From the In-between to the Aesthetics of Number. Study Centre Mellon Lectures. California: College of the Arts, mai. 2007.

_____. Aldo van Eyck – Modern Architecture and Archaic Culture. 2002. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/291714793_Aldo_van_Eyck_Modern_architecture_and_Dogon_culture. Acesso em 12/03/2017.

SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. Desempenho Econômico da Região NE do Brasil 1960-67 (síntese). Recife: Sudene, 1999.

VAN EYCK, A. In STRAUVEN, F.; LIGTELIJN, V. (Ed.). Aldo van Eyck Writings. Amsterdam: Sun, 2006. 743 p. 2v.

